

O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO I — N. 1

RIO DE JANEIRO, 28 DE OUTUBRO DE 1916

REDAÇÃO:
RUA DO SENADO, 215-217

EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as columnas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer expansão de pensamento, desde que se ajuste à lógica e à razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Anno \$5000
Semestre 3\$000

Nosso rumo

De ha muito que, sentindo o aquilão dos mais elevados ideais e das mais ardentes aspirações vinhamos sendo impellidos a tomar sobre os hombros a realização da obra cuja primeira etapa vencemos hoje, apresentando o primeiro numero deste periodico.

A ela nos lançamos, com todos os ardores do nosso temperamento, dispostos a proclamar bem alto as revoltantes injustiças sociais que nos esmagam. Aprofundando as causas dos nossos males, porêmos em relevo, sinão com brilhantismo pelo menos com sinceridade, todas as desigualdades da sociedade atual que leva em si os jermens da sua própria destruição.

Cheios de entusiasmo, impellidos pelos mais justos anêlos de liberdade, lançamos hoje à luz da publicidade *O COSMOPOLITA*—que, cientes embora de perpetrarmos um sedício lugar comum—podemos dizer que vem preencher uma grande lacuna, despertando energias, sacudindo do torpor em que se encontram adormecidos milhares de companheiros, projetando um intenso facho de luz nos cerebros embrutecidos pelos mais grosseiros sofismas politicos, morais e economicos, dando-lhes uma consciencia do seu valor e, finalmente, chamando-os a ocupar o posto de luta que as injustiças de que é vitima lhes ensinam na sociedade atual.

Nestas columnas, sem retorica baloufa, porque são excriptas por mãos rudes de trabalhadores, nos escassos instantes que a exploração capitalista lhes permite gozar, erguer-se-á potente a nossa voz contra todas as tiranias que peçam sobre nós, os escravos do iniquo regime do salariato, os modernos ilotas que a cada passo caímos triturados pela complicada engrenagem da sociedade capitalista e autoritaria.

Ao tomar sobre os hombros a árdua missão, a cujo desempenho damos hoje início, foi no proposito sincero de cumprir a altura das necessidades da classe, e para isso contamos com o concurso eficaz e imprescindível da coletividade.

Ai tendes *O COSMOPOLITA*, que na modestia da sua esteriteza de jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores, não se propõe a reproduzir nos nossos dias a lenda biblica de um novo Cristo, redimindo o mundo a humanidade inteira.

Si o quereis potente e ativo, a vibrar os golpes de sua critica impiedosa contra a opressão, contribuindo como um alvião a demolir o velho mundo de iniqüidades, ajudai-nos! Vinde ao nosso encontro nessa injente obra de emancipação.

O GRUPO EDITOR.

Aqui estamos de novo, os invenciveis!

Os aeronautas do pensamento, de temperamento impulsivo e revolucionario, que haviam deaparecido aos olhos do vulgo, nas altas rejiões ideologicas, no empenho de adquirir amplos e fundos conhecimentos sociologicos, aqui estão de novo na vanguarda do movimento emancipador, ocupando o seu posto de combate.

Por um largo periodo de tempo vimonos constrojidos a abandonar esse posto na impossibilidade de fazermos-nos compreender pela maioria da classe que, imersa na mais profunda ignorancia, olhava com indiferença os nossos altivos protestos contra as nossas degradantes condições de vida na sociedade. Dezapareceramos do cenario da luta apenas aparentemente, mas continuámos sempre a coöperar na guerra surda e implacavel contra a escravidão moderna com o mesmo fervor e entusiasmo do primeiro instante.

Deziludidos completamente do suposto bem estar que circula nos horizontes da sociedade capitalista, jamais confiaremos em vagas promessas que surjam ao nosso encontro, afim de prejudicar a nossa obra de emancipação.

Maquinistas do trem revolucionario, que, destemido e audaz, atravessa rios, pantanos e montanhas, em procura das planicies amplas e salubres da sociedade futura, jamais haverá empecilhos de resistencia capaz de fazer parar a nossa marcha até que nos deparemos extaziados e orgulhosos com os focos replandecentes da liberdade que anelamos.

Natural é que, inesperadamente, sobrevenha algum dezarranjo na maquina e nos vejamos na necessidade imperioza de atenuar a sua marcha, mas nunca dezaniremos de levar a ao ponto terminal por nós almejado.

A historia do movimento proletario, "pia de agua benta", onde recebemos o batismo revolucionario, menciona esses pequenos e passageiros incidentes no curso da evolução, lenta mas continua do proletariado universal. Análizando detidamente esses incidentes que a historia regista, vemos a impossibilidade de deixar de subzistir sentimentos revoltados, como "efeitos" enquanto exista a miseria como cauza.

E' bazeando-nos nesses principios logicos e racionais que confiamos no triunfo da cauza proletaria, triunfo impulsionado pela propria incapacidade do Estado, com os seus processos violentos e deshumanos, empregados para reprimir as manifestações de permanente protesto contra as iniquidades sociais levantadas pelos desprotejidos da fortuna.

Obvia também se nos afigura a existencia de temperamento moderados e acomodaticios que se adaptam ao meio ambiente e, consequentemente, não se interessam pela questão social, mas isso não será cauza bastante eficiente para evitar o choque terrivel das duas classes de que está composta a sociedade, as quais, numa guerra permanente, surda e demolidora, veem se de'rontando, sem que, contudo, esse fenomeno seja sentido pela maioria dos homens que escrevem para educar o povo. Entreditos com as questões puramente politicas, os jornalistas e literatos da burguezia deixam passar dezaperecidas as causas de primordial importancia que dão origem á dezordem social, estabelecida pela dezigualdade economica.

Contudo, si é bem verdade que a maioria dos intelectuais deixa de parte a questão social, para entregar-se de corpo e alma á politica, desperdicando as suas energias em favor de uma cauza perdida, não é menos certo que ha tambem uma minoria mais inteligente e mais previdente que, nas suas investigações sinteticas da questão social, prevem a terrivel luta social que se avizinha a passos gigantes e apelam para os estadistas no sentido de melhorarem as pessimas condições sociais do proletariado, afim de atenuar o odio que jermina no peito dos famintos contra os bem instalados na vida.

Todavia nós, os dezherradados do patrimonio universal, não devemos mais confiar na filantropia da burguezia literaria e antes devemos proclamar bem alto, com o unico auxilio da nossa inteligencia, as revoltantes injustiças de que somos victimas.

Repercuta ainda pelo orbe o eco grandiozo da massina lançada pela Internacional Operaria: "A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos mesmos trabalhadores." E é em harmonia com essa massina, que representa o sentido elevado dos interesses proletarios que rezolvemos a publicação de "*O Cosmopolita*", afim de dizermos por nossa conta e na medida das nossas forças, toda a revolta que nos sobreleva e nos inspira nesta grandioza obra que hoje iniciamos.

E' necessario que todos os membros da classe saibam cumprir com o seu dever para que nos seja possivel o desempenho da missão a que nos impuzemos, refletindo-se nas trévas em que temos permanecido um raio de luz vivaz que desperte a consciencia da coletividade.

Quereis cooperar nesta grandioza obra, juntamente conosco? segui-nos!

Odnumyar.

DECENDO DA MONTANHA

Desde criança quiz ver-me sozinho no mundo.

Por largo tempo vivi no alto de uma montanha, em contato permanente com as feras, procurando investigar o seu convívio intimo.

As forças vivas da natureza, vendo-me de zabrigado naquela solidão selvagem constantemente me agrediam sem piedade, obrigando-me a refugiar-me no fundo de uma covã feita pelas éras na hora terrivel do sua furia indomavel contra a tempestade.

Lançando a vista pelo espaço e sobre a superficie da terra vi que nenhum ser meu semelhante existia naquele deserto, no meio de tanta fera.

Satisfeito exclamei então: estou só, mas viverei!

Alimentar-me-ei com os mesmos produtos de que se alimentam as feras.

Revolvendo as entranhas da terra encontrarei certamente raizes nutritivas que me servirão de alimento.

Pensativo, taciturno, permaneci por longo tempo, contemplando aquele triste espetáculo que a natureza representava perante os meus olhos investigadores. Atacado a cada passo pela furia indomavel e terrivel dos meus "senhorios" me via obrigado a abandonar a caverna, precipitadamente, expondo o meu corpo triturado ás intemperies da natureza.

Chuvas, néve e raios de sol abrazador caíam sobre mim sem piedade.

No meio daquele caos, em luta constante contra os elementos mais terriveis da vida selvagem, vivia eu sem conhecer outro mundo mais humano.

Mas como tinha nacido no meio dos homens, embora tendo-os abandonado na miuba infancia, sentia ancias desesperadas de conhecer um mundo que satisfizesse melhor as minhas confuzas aspirações; a pouco e pouco essas ancias foram se transformando num ideal de sublime grandiozidade.

Comecei a sonhar, a sonhar desvaivadamente, subindo como um louco ao mais alto pico da montanha, torturado, desesperado por descortinar alguma coisa nova no horizonte, até que, finalmente, vi... vi o que? ao longe, mui ao longe vi despontar os raios fulgurantes do sol nascente de um eden. Vi a ponta de uma torre que ufana se

exclamando; depois de tantos anos de existencia só hoje me é dado entrar no gozo da vida livre das selvagens da natureza.

No interior do Jardim encontro um homem elegantemente vestido, que orgulhoz saboreava um delizioso charuto, passeando de um extremo a outro do paraizo.

Mais adiante caminhava um ser idéntico, de feições maelentas, sujo e andrajoso, dolorosamente arrastando a careassa, cujo olhar dardejava chispas de profundo odio.

Extranhando aquela dezigualdade entre dois homens, inquilinos do grande e maravilhoso eden, senti-me impellido, por irresistivel curiosidade, a interrogo-os.

Inesperadamente apossimo-me daquelle que, satisfeito, escutevia o ambiente com o fumo do seu charuto. E interrogo-o: Como viveis felizes, cidadão!...

— Não imaginais, talvez, estrangeiro que me interrogeis.

ODNUMYAR.

(Continúa).

Resposta a um critico

Firmado pelo dr. Azurém Furtado veiu ha dias no *Correio da Manhã* e na *Noticia* um artigo sob a epigrafe "Os hotéis no Rio", no qual se faz critica ferina e superficial aos *garçons* do Rio, em face dos seus colegas europeus.

O dr. Azurém Furtado, julgando-se "tecnicamente" capacitado para fazer uma apreciação sobre a competencia profissional e a educação social dos *garçons* desta capital, não hezitou um instante sequer em vir em publico, pelas columnas dos dois citados diários, desferir-nos meia duzia de conceitos dezairosos e bem poucos jentis, regozijando-se pela rezolução dos proprietarios do novo grande hotel, prestes a inaugurar-se, de mandar vir o seu pessoal da Suissa, afim de empregar a sua competencia tecnica ao serviço da burguezia brasileira, da qual é um dos membros conspicuos o illustre doutor...

O dr. Azurém Furtado, decendo da sua elevada profissão de medico a critico de simples riados de hotéis, não podia ser melhor sucedido.

Entretanto, nós, os unicos interessados nesta questão, a qual o dr. talvez houvesse sucitado por méro espirito critico, nos rezervamos o direito de analizar causas e não criticar efeitos dessas mesmas causas.

Não temos a pretensão de ferir a suscetibilidade da burguezia que aqui vive, nas apreciações que vimos fazendo neste artigo. Só nos inspiramos no interesse de bem esclarecer a verdade e contestarmos com argumentos irrefutaveis as asserções do dr. Azurém.

Assim, pois, ocorreremos perguntar porque o dr. não procurou pesquisar minuciosamente as miseraveis condições de trabalho dos *garçons* no Rio. Porque não procurou conhecer de perto as suas condições economicas e a opressão material em que vivem.

As excessivas horas de trabalho a que estão sujeitos deixem-lhe o tempo necessario ao estudo e aperfeiçoamento na profissão, que exercitam?

Si s. s. procurasse com interesse analizar essas causas, certamente não viria com tanto dezembarço ridicularizar-nos com sua critica mordaz e sim, como homem de posição social, a quem pertencem, como tal, todas as comodidades da vida, procuraria esmucar as "cauzas" que dão origem aos "efeitos" que tanto o incomodam.

S. s., como medico que estuda as doenças do organismo humano, porque não estuda tambem as doenças cronicas da sociedade?

Não compreendeu ainda o dr. Azurém que a injusta organização social reinante, com toda a sua carga de preconceitos, é que origina a dezorganização tecnica em todos os ramos da industria e da ciencia?

Quando vemos decer um vutlo eminente, com o cerebro prenhe de conhecimentos científicos do trono em que, satisfeita e orgulhoza vive a burguezia ao seio da "massa anonima", — o proletariado, — que submerjido na mais repugnante das misérias e atrazo mental, por se lhe trancarem inflexivelmente as portas das universidades, sempre lhe dispensamos a maxima atenção, na esperança de que nos venham dizer alguma coisa nova.

Mas, oh! tremenda dezilusão! Deliberados a somente estudar, com um fim premeditado um ramo excludivo da ciencia que lhes possa assegurar uma vida facil e feliz, não se interessam por divulgar ao povo os descubrimentos da

ciencia que para ele ainda continuam sendo misterios.

Mas, continuemos a fazer as nossas apreciações em volta dos comentarios do dr. Azurém, antes que percamos o fio.

Nada nos surpreende o parecer erroneo, formulado pelo requintado gastronomo, critico severo dos empregados, ou melhor, para nos expressarmos em "portuguez classico", *criados de hotéis*.

Certamente s. s. já terá tido na sua vida de privilegiado não poucas ocasiões de viajar por diversas partes de Europa, e, no confronto feito entre os *garçons* de lá, com os *criados* do Rio, tirou como conclusão logica da sua apreciação superficial a incompetencia destes ultimos e a falta de cultura e de educação social que deviam ter para "exercer o mistér para o qual os atirou a necessidade de ganhar um pedaço de pão".

Na Europa é natural que o *garçon* se apresente de cazaca e luvas, e, embora sem bagagem literaria, com os principios elementares da educação social.

Mas quem sustenta este luxo e quem concorre para que eles tenham um certo grau de cultura?

Mais infelizes do que nós, á primeira vista; trabalham sem ordenado, e, claro que sendo na Europa a gorjeta uma lei instituida pelo costume, profundamente arraigado na burguezia, é dela que vivem os *garçons chics* e é a expensas dela que se educam para depois servir a essa mesma burguezia, com todos os caprichos dos ezijentes gastronomos.

Não queremos fazer aqui a apolojia da gorjeta, porque vemos nela um grande mal, embora considerando-a um mal necessario, como muitos na sociedade atual, os quais sómente com ela dezaparecerão.

Mas si ha um costume estabelecido universalmente, porque no Brazil se não respeita?

Não será decerto com o salario de 60\$ mensais que iremos frequentar escolas, trabalhar de cazaca ou *esmoók* e camiza engomada, todos os dias.

Estamos muito acostumados a ouvir a critica verbal, feita nas proprias mezas de hotéis e restaurants do Rio, feita por senadores e deputados que de passeio um dia pela Europa tiveram ocasião de verificar o trabalho regulamentado, pelo critério dos seus conhecimentos da profissão.

Deputados e senadores, capitalistas e industriais entram pelos restaurants *chics*, de sobrecazaca e cartola, a falar, deslumbrados, sobre os admiraveis metodos de serviço na Europa e tecendo rasgados elojios aos jestos reverentes e humildes dos *garçons* de Paris, Londres, Berlim, etc., etc.

O criado, vendo que aqueles cidadãos tão entusiasticamente se referem ao serviço na Europa, desfazem-se em jentileza, esmerando-se em servir-os bem e com agrado, esperando ser bem gratificados.

No fim do almoço erguem-se imperiturbaveis e senhoris e a escurecerem os ares com a fumaça dos seus charutos, pedem uma escova para tirar o pó da roupa. E o "criado", a gorjeta?... ah! esta já a veremos...

Sobre a meza, num pires jaz representada em chorados, a aviltantes gorjeta de... 300 réis...

Ironicamente o "criado" não pôde deixar de monologar com os seus botões: estes, com certeza, deixaram tudo o que tinham de bom em Paris!

E ainda quererá o dr. Azurém que existam no Rio "criados" habilitados e *chics*?

Estamos perfeitamente de acordo e sentimo-nos mesmo dispostos a receber de braços abertos os nossos companheiros europeus, os quais, estamos bem certos, não nos farão concorrência, mas tambem temos inabalavel convicção de que dentro em pouco teremos de acompanhá-los ao seu embarque, de retorno á terra que engrandecem no desempenho profissional da arte culinaria.

Garçons suissos para servir os frequentadores dos restaurants e hotéis do Rio! Francamente é irrizorio o regozijo do dr. Azurém Furtado! Acazo terão uma remuneração capaz de fazel-os adaptar-se aos costumes retrógrados que imperam no Rio? Creemos que não. Acazo conhecerão eles as barbaridades de salada com arroz, "picadinhos á bahiana" ou linguica com farofa?

Venham os *garçons* da Europa, mas traté o dr. Azurém de preparar a sua pena para a cruzada árdua em prol da transformação dos costumes e sobretudo do sistema alimentar da maioria dos clientes dos hotéis e restaurants. Do contrario começará a perigar a sua "competencia profissional" para dissertar sobre a materia...



AVANTE!

Mais uma vez se intenta esta obra. Mas d'esta parece-me ser de fato uma obra duradoura, solida e com alicerces suficientes para resistir as tempestades que nos assolam, alicerces feitos sobre a terra firme da experiencia dos fracassos de outras obras que, embora tao bem intencionadas como esta, não poderam ir por diante por serem dirigidas por discipulos que eram hontem e que a forca dos fatos passados nos mostrou o caminho a seguir e nos fez mestres; mestres, sim, mestres que devemos ensinar aos nossos companheiros, a esses companheiros que aneiam nossas lições da pratica para poderem agir como homens concientes, e não como carneiros tocados pelo cajado de seu pastor, mestres que devemos mostrar-lhes a figura bela da liberdade e ensinál-os a amal-a como eles hoje amam o pedaço de terra onde nasceram e que lhe chamam *minha patria*, como eles amam o pedaço de pano colorido e a que lhe chamam *minha bandeira*, ensinál-os não a pegar n'uma arma para assassinar seus irmãos de infortunio, mas sim ensinál-os a seguir o caminho de homens livres que devemos ser.

Ensinál-os mais o que é uma associação, para que serve, quais são os fins para que existe, para que foi creada, o que uma grande maioria não o sabe n'um indiferentismo criminoso. E' esse nosso dever; conseguil-o-emos?

Tenho fé que sim, pois que abrindo a luz que vaé iluminar o cérebro dessas vitimas da inconciencia propria, d'essas vitimas que vivem extaziadas por sonhos de ouro, que vivem iludidas pelo capital que tudo açambarca, por essa ave de rapina que tudo devora; pôde ser que consigamos nosso intento.

Mas não são só estas lições infelizmente, que temos que dar outras mais, mas estas severissimas, a esses que inconcientemente sim, mas maldozos, nos atraçoam a cada momento, quer em nossa associação quer nas cazas onde trabalhamos, a esses sim, parece-me que não só as lições de moral chegarão, inconcientemente mas maldozos como são, não as atenderão, para esses temos que agir enérgica e diretamente com todos os meios ao nosso alcance.

Temos mais outra classe de discipulos a ensinar a *regra do bem viver*, os patrões, aos quais eu não os defendo em hipoteze nenhuma mas também não os condeno pois que defendem seus direitos de acordo com os preconceitos da sociedade atual, essa sociedade infeta e corruta que devemos recuar de nojo ante a effígie espectral e sífilítica que se nos depara ao contemplar-a. A esses nós devemos dar lições humanitarias para que compreendam que somos seres viventes, e com direito á vida como quaisquer outros; o que até hoje ainda não o compreenderam.

Patrões ha que hontem eram companheiros dedicados e hoje se tornaram verdugos de seus empregados de hoje e companheiros de hontem, e esses infelizmente são os peores. Esses que já sofreram o martirio de ser explorado deviam ao menos atenuar esse sofrimento, mas não, multiplicam-no tornando suas cazas verdadeiros antros inquisitoriaes dos quais Ignacio de Loyola e Torquemada nos deram tão tristes lições.

Emquanto aos outros, á outra classe de patrões, esses que nunca sofreram esse martirio, são dignos de lastima e pelo tanto deixem os descansados até o proximo numero, no qual continuarei de palmatoria na mão.

Aqarb.

Guarany, Esperança e Delicia

E' sob este agradável e simpatico titulo que funcionam no Rio tres restaurants do mesmo proprietario, os quaes seria mais lojico e mais sincero que apparecessem em publico como tres centros d'uma repugnante exploração dos trabalhadores que se occupam n'este mistér, os quaes relijiozamente sofrem resignados todas as injustiças covardes e anti-humanas que contra eles são praticadas, sem que façam transpirar fóra d'esses tres conventos inquisitoriaes um protesto enérgico e altivo que seu erro se faça executar aqueles que estamos sempre dispostos, no nosso posto de combate a dar expansão aos gemidos roucos d'aquelles que gastando todas as suas forças nas fainas diarias de um trabalho penozo e extenuante, succumbem protergados extaziando-se humilhados perante a arvore majestozosa da liberdade sem que tenham o valor necessario para n'um jesto de audacia indomavel trepar, d'estemidos, no seu tronco forte e vigorozo e comer o fruto prohibido... a rebeldia, sobre o tronco da arvore sacrosanta e depois de comer o fruto prohibido ser-nos-á facil desvendar os fatores provenientes de nosso mal estar, que desgraçadamente para a maioria dos trabalhadores ainda continúa sendo um misterio insondavel.

Não devemos absolutamente permanecer por mais tempo de braços cruzados, assistindo impassiveis ao desfilar macabro das vitimas de tanta injustiça. Uma nova era parece delinear-se no horizonte, com o surgir altivo e vibrante do jornal defensor dos interesses da nossa classe o qual exporá em lingua bem clara o estado degradante que ha muito vimos atravessando.

Deixando de ocupar mais espaço em consideração do nosso já pequeno jornal passamos, de acordo com o nosso programa a tratar da questão que nos levou com mais interesse a escrever este artigo.

O sr. José Pontes, proprietario dos tres restaurants que servem de epigrafe a este artigo, parece ter feito o proposito indigno e anti-humanitario de aumentar a avalanche dos tuberculosos e anemicos, com a deficiente qualidade ordinaria de alimentação que dispensa aos seus auxiliares, isto em recompensa aos bons serviços que eles lhes prestam, cooperando no aumento precipitado da sua fortuna, com o fim premeditado de expol-a ao serviço da Republica humana por ele sonhada ou talvez vivida nos livros de Platão.

E' irrisorio vêr como um patriota acelerado da marca do sr. Pontes, abraço os principios republicanos, talvez bazeado em ser amante e adepto decidido da justiça e da liberdade, e não trepidar em explorar tão descaradamente os seus empregados, seus eguaes em humanidade, e a mais fatores permanentes da sua fortuna.

Não seria mais lojico que o sr. Pontes envez de gastar o dinheiro com a Republica, tratasse os seus empregados com mais consideração?

Não seria obra mais Republicana dar de comer a quem tem fome, do que explorar aos famintos para sustentar robustos e polidos os santos da Republica?

Continue o sr. José Pontes acumulando injustiças sobre as cabeças das suas vitimas, que talvez em dias não lonjiquos seja chamado a prestar contas, com todo o seu republicanismio farçante.

Odnunmyar.

Está salva a honra da Patria.

No dia 13 do corrente deu-se na Rotisserie Rio Branco um incidente muito curioso. Não treriamos absolutamente nenhum interesse em tratar aqui nas columnas de um jornal operario de uma questão repugnante, provocada pela irascibilidade de um obbecado patriota, si dela não tivesse sido vitima o nosso camarada Rafael Couñago.

E' precisamente num ambiente sacudido pela atoarda de uma propaganda de literatos e juriconsultos contra o "Estado mais militarista do mundo", pela qual se pretende fazer insidiosamente acreditar ao proletariado que nos campos de batalha de Europa se decide a sorte do direito e da liberdade, com a victoria de um determinado grupo de nações em luta, em face da ruina e aniquilamento de outro grupo (que, no seu dizer representa a alma do militarismio absorvente, que desgraça os povos) que se vem cinicamente propagando, com a ajuda moral e intelectual de uma coorte de poetas, juristas e jornalistas, a militarização do povo brasileiro como tonico regenerador (pasmái!) do seu carater!

Que lojica esmagadora! Antimilitaristas primeiro, porque está nele caracterizado o retrocesso da humanidade. Militaristas depois, porque é na cazerna que se despertam enerjias adormecidas nas multidões inconcientemente! Ela será a universidade da qual sairão os luzeiros que iluminarão o mundo com a luz da justiça e do direito...

Oh! farçantes, como, valendo-vos da ignorancia do povo, exploraes cinica e despidoradamente os seus sentimentos! Mas só agora reparamos que, distraidos por essas considerações á marjem, quasi nos iamos esquecendo de relatar o fato que motiva a publicação deste artigo. Vamos, pois, a ele: Como é sabido, desde que um certo maviozo poeta, cançao de "ouvir e de entender estrelas", pôz de lado a sua inofensiva lira para impunhar o chanfalho da propaganda militarista, lançando aos quatro ventos da publicidade um famoso apelo ao civismo das multidões braziliãs (em que se prescrevia banhos de cazerna como regenerador do carater de povos) — apelo que foi como que um toque de inicio para a atual efervecencia militarista — aos ouvidos dos pacificos habitantes desta cidade, agora transformada numa vasta cazerna, não cessam de atroar o constante e infernal rufar dos tambôres acompanhado de outros toques marciaes que o Estado, a exemplo da sua irmã jemea a Egreja sabe habilmente enjndrar para embevecimento do espirito simples e injenuo da multidão.

Rara é a madrugada em que não somos bruscamente despertados do nosso sono reconstituente das forças perdidas na faina diaria com as esbafatozas marchas militares. Como de costume no dia 15 lá sairam eles na sua habitual e ridicula ezibição.

Justamente na hora em que desfilavam pela Avenida defronte á "Rotisserie Rio Branco", entra pela porta desse estabelecimento um impertigado burguez, disposto a preencher as necessidades do seu exigente estomago. O nosso companheiro, acima citado, que era encarregado do elevador, cortezmente abriu-lhe a porta.

Fazendo pressão sobre o botão electrico começou a sua marcha lenta em demanda do restaurant, situado no primeiro andar.

Pela conveniencia diaria já se havia estabelecido uma certa familiaridade entre freguez (um tal Camara), e empregados, costumando mesmo o primeiro pilhierar com os segundos. Assim, não fujindo ao habito nesse dia, durante a ascensão, começou a gracejar com o nosso companheiro, ao passo que cantava o hino nacional.

O nosso companheiro, achando graça naqueles pruridos patrioticos, proferiu a seguinte inofensiva frase: o Sr. ou esses voluntarios que ai vão si fossem para a guerra, com certeza não iriam tão contentes...

Oh! tremendo crime! O nosso companheiro não se lembrara que se dirigia a um bravo coronel da "brioza milicia". Ferido na sua suscetibilidade patriotica e nos seus melindres de militar "briozo", o homenzinho de zanda numa abundancia de jestos e gritos cada qual mais repugnante e indecorozo.

Começam os comentarios dos prezenzes em torno da personalidade do suposto oficial do exercito. Estabelece-se uma tremenda confusão. Emquanto isto o bravo patriota ezije uma immediata reparação aos seus bríos patrioticos ofendidos.

O proprietario do estabelecimento chama-o de parte e promete atendê-lo. Mas nem assim o homem se satisfaz, e cada vez adquire mais importancia. Insiste e brada: "quero que mande embora esse empregado atrevido, agora mesmo!"

Como é natural o nosso companheiro é incontinentemente d'espido: o que não faltam são empregados...

Está, certamente, satisfeito o Sr. Camara com a façanha estúpida e repugnante, porque é assim, de tal jeito, que se dignifica a honra da Patria...

Odnunmyar.

O nosso festival

A 30 de Setembro findo, realizou-se no salão do Centro Cosmopolita, o festival organizado pelo Grupo Editor de "O Cosmopolita", para o fim de obter os recursos necesarios á publicação deste periodico.

O ezito alcançado esteve acima de qualquer espectativa.

Devido ao excesso de materia e eziguidade de espaço com que lutamos, fomos forçados, á ultima hora, a retirar grande numero de orijinaes, e, infelizmente, entre eles a noticia do que foi aquela esplendida festa de propaganda, que sem vaidade podemos dizer que se revestiu de um brilho eccepcional. Para o proximo numero publical-a-emos.

Fique, porém, desde já, consignado, nestas linhas, o nosso mais profundo reconhecimento a todos quantos concorreram para o successo alcançado.

A crise actual e os proprietarios de hoteis

Um ezemplo de como os proprietarios se valem da crise actual, para obterem maiores proventos, requeitando na exploração aos empregados:

O Hotel l'Univers, sito á tarvessa Mosqueira n. 13, na Lapa.

Este proprietario sempre pagou 60\$ aos garçons, mas, ao que parece, julgou que eram demaziados, e reduziu-os. Agora paga apenas a insignificancia de 50\$000 mensais; fazendo delles uns verdadeiros escravos ou lacaios, faz-lhes prestar todos os serviços de copeiro, faz-lhes lavar todas as paredes e o tecto do salão, e, como si tudo isto não bastasse, faz-lhes ainda servir na rua ás mulheres de vida facil. Vejiam si isso é serviço que deva ser feito por garçons! E, quando algum deles ouza formular um protesto contra esse vexame a que o forçam, respondem-lhe com insolito atrevimento, que aquilo é para quem quer, que "a porta da cozinha é serventia da casa."

Agora o mais importante: a comida que servem aos empregados. Rejimen da fome. Querem saber em que consiste ela? Pois ai vai um pano de amostra: guardam na geladeira figados de 10 e 12 dias! nem só figados, sardinhas, carnes, etc., e depois disto, quando já deteriorados não podem mais impijil-os ao freguez pelo seu insuportavel mau cheiro, levam-n'os então para a cozinha, onde entregam ao chefe para preparar a comida dos empregados.

Quando o chefe é um companheiro, como os ha felizmente muitos dotado de consciencia e corajem para dizer-lhes que aquilo nem para cães serve, eles dizem com um cinismo revoltante que ninguem é obrigado a comer aquilo e quem quizer comer melhor que faça á sua custa!

Ohem que já é desfaçatez! Depois disto tudo só nos admiramos como a paciencia humana seja tão elastica que haja algum que suporte tanto aviltamento sem um jesto de repulsa. Além disso, o trabalho é o mais acbrunhador possível pois que o patrão atordoa o pessoal com o seu intoleravel autoritarismio de um senhor feudal.

José Ferreira Morgado.

A liberdade de trabalho

A liberdade de trabalho, a nosso vêr, consiste em admitir a cada individuo o livre ezercicio do trabalho mental ou manual de acôrdo com a propria inclinação para esta ou aquella especialidade, sem encontrar barreira economica que o possa desviar dos seus verdadeiros propósitos, constringendo-o na sua intelligenza a aceitar a passividade de uma profissão que contraria a sua indole, forçando-lhe, portanto, a propria capacidade a adquirir outra nova, por força das necessidades economicas e outros multiplos ajentes, com evidente prejuizo para o seu aperfeçoamento tecnico.

O trabalho é uma necessidade para a vida, mas a liberdade de trabalho, nas diversas manifestações fisiologicas dos individuos encontra uma barreira intransponivel no capital, que sentenciona oiponente: "não te darei a fazer o que queres, mas dar-te-ei a fazer o que quero." Ora o que querem justamente aqueles que se arrogam o direito de monopolizar o trabalho e distribuí-lo ao seu livre alvedrio, é que essa liberdade seja restrinjida á maior estreiteza, opondolhe todos os obices, para assim tornar mais facil a substituição das maquinas que o servem, os trabalhadores, e conserval-os sempre na necessidade de submeter-se pela dura lei do "ganha pão".

Não conto nenhuma novidade para os espiritos avançados: apenas faço estas considerações no sentido de ser analisada a tão proclamada liberdade de trabalho, que efetivamente não existe.

Lavoura, officios, industria, commercio, artes liberaes todos reclamam a liberdade de trabalho. No entanto nega-se a sociedade capitalista e autoritaria a conceder-lhes este direito.

Ora, a liberdade toma-se e não se pede.

Pois bem essa liberdade será de fato conseguida no dia em que os trabalhadores assim o entenderem. Ela será efetivada pela ação solidarizada dos ajentes do trabalho que imporrão ao capital a conservação dos seus fatores, com a remuneração relativa ás suas necessidades economicas.

Efetivamente não se compreende em rejime capitalista a liberdade de trabalho.

E' se forçado a trocar um officio por outro, para escapar ás agruras da fome, logo ai se esfuma como bolhas de sabão a decantada liberdade de trabalho.

As relações entre o capital e o trabalho são sempre e cada vez mais tensas; ha uma completa ausencia de escrúpulos no proceder do primeiro, não existe nenhuma reciprocidade: ezije demaziadas garantias do trabalho, mas em troca não lh'as dá nenhuma. Em suma, uma flagrante dezigualdade.

Não se compreende emancipação de interesses sem haver relação da medida das necessidades de cada um.

O capital força a servil-o, eis a razão porque se deve forçal-o a conservar aqueles que o servem; eis ai a razão por que se não pôde subtrair, embora o faça.

O trabalho cria, serve e labuta nos diversos misteres da vida. O capital descaça, malceitra, grita, impõe e afinal nada faz: logo acalme os nervos e viva com a distribuição que reclama a liberdade de trabalho...

A. P.

Bazes de acôrdo do grupo editor do "Cosmopolita"

Dos seus fins

Sob a denominação de Grupo Editor de "O Cosmopolita" fica constituído um nucleo de empregados em hoteis, restaurants, cafés e similares, cujo objetivo principal será propagar a cultura sindicalista, combatendo todos os sofismas politicos, religioes e sociais e cooperar para o aperfeçoamento moral, material e intelectual da classe.

Para esse fim o Grupo empregará os seguintes meios:

I — Publicar, sob o titulo "O Cosmopolita", um jornal, cujas columnas serão francas a toda e qualquer expansão de pensamento dos companheiros, desde que se ajuste á logica e á razão, e estejam em harmonia com a orientação do Grupo.

II — Promover conferencias sociologicas, de propaganda associativa e meios de luta contra a exploração capitalista, preparando desta forma um ambiente propicio ás reivindicações corporativas.

III — Realizar o maior numero de assembleías de classe, nas quaes se discutirão todas as questões de immediato interesse de classe, devendo tais reuniões se realizar de preferencia nas associações da colectividade.

IV — Organizar uma biblioteca no local da redação do jornal, adquirindo livros, folhetos, revistas e demais publicações, nacionaes e estrangeiras, facilitando a sua ampla consulta a todos os companheiros indistintamente.

V — Estreitar os laços de solidariedade com todas as classes trabalhadoras do paiz e do exterior, franqueando ás primeiras columnas do periodico para

a publicação dos seus atos associativos, e mantendo com todas assidua correspondencia.

VI — Corresponder-se com todos os sindicatos conjereres existentes dentro e fóra do paiz, afim de se pôr ao corrente das melhorias conquistadas e bem assim dos meios empregados e das lutas em que se houverem empenhado.

Administração

VII — Os recursos de que o Grupo lançarã mão para a edição regular do jornal serão obtidos do produto das quotas de entrada dos seus aderentes, das assinaturas e dos anuncios. Além disso fará correr, quando se torne necessario, listas de subscrição voluntaria entre a classe.

VIII — Os trabalhos administrativos do Grupo, bem como os da compilação do jornal, serão afetos á uma comissão ezecutiva com a colaboração de todos os aderentes ao Grupo.

Essa comissão se comporá de cinco membros, os quaes serão assim classificados: redator, secretario geral, secretario auxiliar, contador e bibliotecario.

IX — A comissão ezecutiva, cujas funções serão meramente ezecutivas e nunca de mando, ezercerá as suas atribuições pelo espaço de tres mezes, e se reunirá tantas vezes quantas forem necessarias aos interesses do Grupo.

X — O Grupo reunir-se-á semanalmente e nos dias da saida do jornal.

XII — Após a publicação de cada numero do jornal, o secretario, de acordo com os demais companheiros de comissão, redijirá um balancete contendo minuciosamente o movimento da receita e despeza.

Esse balancete será afixado em logar vizivel no local do Grupo e publicado no numero seguinte.

XIII — Cada aderente ao Grupo contribuirá com a quota de 5\$000 no ato de admissoão e se comprometerá a entrar no rateio sempre que se verificar deficit.

XIII — As assinaturas serão as seguintes: Ano: 5\$000—Semestre: 3\$000.

As prezenzes bazes foram aprovadas na reunião realizada na sessão do Centro Cosmopolita, em 9 de Agosto de 1916.

FRONTEIRAS

As nações estão destinadas a fundirem-se para formar uma só que destrua as fronteiras, como dizia Chevreuil, e nós, os rebeldes da organização erronea da sociedade atual, esperamos que essa realidade futura, essa aureola que esplende aos nossos olhos como uma cauza pela qual todos os homens, sem distincão de raça, concientes dos seus atos, devem ardentemente trabalhar, enfrentando aberta e destemidamente, sem temores nem bajulagos, os tartufos que compõem a famosa nau do Estado.

Do seu seio é que saem os nossos mais acerrimos perseguidores, que não poupam esforços para afumarem e confundirem a nossa obra emancipadora.

Si fizermos um reparo através das paginas da historia reconheceremos que os homens que mais se destacaram e cujos nomes maiores retumbancas alcançaram nessas sociedades educadas pelos principios impostos pelo estado, foram todos eles, sem ecceção, os mais implacaveis inimigos das liberdades humanas.

Napoleão Bonaparte, numa das suas famozas arengas aos seus ezercitos em campanha no Egipto, declamou a seguinte frase que ficou celebre e que tem vindo atravessando o espaço, através do seculo já trancorrido: "Soldados! do alto destas piramides quaranta seculos vos contemplam!" Que importância ás jerações vindouras que as contemplam quaranta seculos de estorços e descalabros, de injustiças e oppresões que se teve condenar em todas as suas faces, para bem da existencia futura, esclarecida e impulsionada pelo fervor luminoso da justiça e da razão, da moral, do amor e da fraternidade!

Em nada devem esmorecer os que no começo deste seculo acreditavam no dominio dos povos pela razão, e, quando menos o esperavam, os apañhou de surpresa a subita transformação do modo de pensar dos povos, agitados por vis paixões, arrastados para a maior das catástrofes de todos os tempos, arrebatando-nos os mais jeniais criadores e os mais ardentes e sinceros apostolos dos ideais de emancipação humana. Mas o sangue dos martires nos dará mais força e vigor; e se espalhará por entre as massas como rubins ardentes a alumiar-lhes para o levante geral, num protesto contra a tremenda catástrofe em que o mundo se debate, ignorante das causas porque se destrõe.

Maldito pedaço de terra que por querer-te possuir faz-se correr o sangue em torrentes; malditos interesses commerciaes e industriaes que fazes os homens matarem-se uns aos outros, não já aos milhares mas aos milhões! Basta, tigres ferozes! cortai as garras e não mais as craveis nos corações humanos, e, quando esse dia chegar não mais cercareis com fronteiras os habitantes da terra, ecitando contra eles o odio de raças, como Nero ecitava as feras no Colizeo de Roma para devorar os cristãos, mais tarde triunfantes.

Quando as populações se compenetrarem da verdade e compreenderem os seus verdadeiros interesses, a patria será este planeta no qual todo o ser vivente tem parte, a raça humana será uma só, pois que todos somos iguaes pela lei natural, nosso soalho é a terra que nos cria e come, nosso tecto é a abobada celeste que nos dá a luz do sol.

G. Costal.

Pajinas escolhidas

De Diy Arsuaga
O ABISMO

Prodijioso palacio rodeado de hortas e jardins! Que frutas tão formozas pendem das arvores! Que delicadas flôres vestem o campo e embalsamam o ambiente!

Conta-me, poderoso, a historia de tantas maravilhas.

Quando já havíamos repartido o mundo, não ficara por povoar, por inacessível, sinão um abismo muito fundo.

A pedra arremessada nele demorava para chegar ao fundo anos inteiros. A cabra "retozona" que ali caía deixava trituradas pele e ossos nas saliências das rocas que formavam as paredes da furna.

Ninguém assomava ao abismo que não se sentisse arrastado pela voragem.

Como que chovido do céu um homem mais chegou á terra.

— Quero dizer, — dizia o insensato. E entrou na cidade tratando de acomodar-se na primeira caza que encontrou.

Expulsaram-lhe dela porque a caza tinha dono e ele nada podia nem queria pagar pela hospedagem.

— Quero viver, — repetia o louco. E intentou, uma por uma, entrar em todas as vivendas, e de todas o despediram.

— Quero viver. — E tratou de levantar uma choça com pedra que trouxe da montanha sobre seus hombros, e madeiras que arrancou das arvores do bosque. Mas como tinha o monte dono e o bosque era do rei, e a terra em que pretendia levantar sua choça era do concelho, tomaram-lhe pedras e madeiras e o expulsaram da cidade.

— Quero viver, — repetia o desditoso. E percorrendo estradas e campos, sem achar pouzo em parte alguma, porque tudo estava dado, atravessou o mundo.

Compadecida uma mulher de sua estranha loucura, o deteve á sombra de uma arvore e o fez conhecer o amor.

Foi o primeiro consolo que recebeu aquele homem em sua vida.

— Si me amas, — lhe disse um dia a mulher — obedece-me.

O homem a amava ternamente, porque havia tido dela muitos filhos, e lhe prometeu obedecer-lhe.

— Olha, lhe disse a mulher — uns nagem ricos e outros pobres. Os pobres devem servir aos ricos. Si queres que sejamos felizes, vamos oferecer nossos braços e nossas forças ao senhor daquele palacio que vês ao lonje. Dar-nos-á de comer todos os dias e nos deixará viver debaixo do seu tecto.

Cheio de admiração, respondeu o louco:

— Meus são teus braços e minhas as forças. Não me as deu o senhor desse palacio. Braços e forças bastam-me para proporcionar-me o que ele se proporciona. Olha esse passaro que vóa, olha aquela corça que corre: querem viver e vivem! Porque não havemos de conseguir o mesmo?

Não lográmos ainda pôr o pé sobre terra que não seja de alguém. Quem poudé condenar-nos antes de nacer a não pararmos nunca? Onde está o pedaço de terra que ha de sustentar-nos?

Porque somos menos que a corça que que corre e o passaro que vóa?

Os que me dizem que tudo é deles são inimigos meus a quem não fiz maior agravo que vir ao mundo. Ah! Tu me enganaste, déste-me teu amor para escravizar-me, tu és com eles minha inimiga.

E num acesso de furia matou o louco a pobre mulher.

Mas, reposto logo, omeçou a chorar sobre o cadáver de sua amiga.

— Pobre amada minha! — disse regando-a com amargas lagrimas. Tu não procuravas enganar-me.

Não fazias sinão transmitir o engano de que a maldade dos homens fez-te vítima. Quero morrer contigo chorando sobre a tua tumba. Escolherei uma parajem formozá á beira de um caminho e ali cavarei o teu sepulchro. Os homens, seguramente mais piedozos com os mortos do que com os vivos, se encarrregarão, quando eu morrer, de sepultar-me ao teu lado.

Carregou sobre os seus hombros o cadáver, e á marjem de um caminho, debaixo da sombra de um álamo, poz-se a cavar a fossa.

Viu-lhe ao encontro um trabalhador

e lhe disse que aquela terra tinha um dono e não era permitido enterrar ali ninguém.

Foi mais além, mais além e mais além, e em todas as partes onde começou a cavar a fossa, em todas lhe disseram o mesmo.

— Que fazeis — perguntou então o infeliz — com os que morrem?

— Não sabes — lhe responderam — que ha um lugar santo, onde, debaixo de cruces, flôres e simbolos descansam os mortos?

Encaminharam-lhe, e ele foi com o cadáver ao cemiterio.

Recebeu-o um sacerdote que lhe perguntou mil coizas que não entendeu o louco e só como tal o deixou passar com a sua carga.

No lugar que lhe pareceu mais formozo se pôz o desditoso a cavar a sepultura.

Mas de novo o detiveram em sua tarefa. Um coveiro ensinou-lhe uma fossa muito grande onde alguns homens esvaziavam um carro cheio de desquartejados restos humanos.

Despeja aí a tua carga — disseram-lhe — esse é o sepulchro dos pobres.

Cheio de terror, escapou daquele lugar, sempre levando consigo o cadáver de sua amada.

E correu, correu desesperado até chegar á beira do abismo.

— De quem é esse abismo — perguntou a um aldeão que passava.

— Como para nada serve, de ninguém é — respondeu o aldeão.

— Eis aí o unico que pôde ser meu, — gritou satisfeito o louco. — Corramos, pobre amada minha, ao lugar que os que chegaram antes nos rezervaram.

E de um salto se lançou com a sua carga no abismo.

O eco repetiu o ruido que fizeram ao romper-se rodando ao fundo os dois corpos e, chegada a noite, só a lua poudé atinjal-os com os seus raios de prata.

Milhares de jerações, filhas do desgraçado cazal, foram logo imitando a sua conduta e enchendo com os seus corpos o abismo.

De suicídios e rezesperados transbordou ao fim, e o tempo e as chuvas desfizeram os ossos e converteram em limo as carnes. O lodo voltou ao lodo.

Desaparecido aquele abismo, como antes desapareceram outros, e outros desaparecerão depois, ficou um lugar a mais por habitar. Sobre ele consturí o meu palacio. Daquele sangue e daquela carne estão formados estes frutos formozos que pendem das arvores, essas

delicadas flôres que vestem o campo e embalsamam o ambiente.

— Onde vão, poderoso, os que, como aquele homem, não acham solo onde pôr os pés, nem palmo de terra em que dormir o sono eterno?

— Vão encher outros e outros abismos tão fundos como aquele.

Prodijioso palacio, rodeado de hortas e jardins! Que frutos tão formozos pendem das arvores! Que delicadas flôres vestem o campo e embalsamam o ambiente!

Não contes a ninguém, poderoso, a negra historia de tantas maravilhas.

Abaixo a farsa

Chegára ao nosso conhecimento que no passado dia 20 do corrente se realizaria uma assembléa jeral na suposta "União dos Empregados em Hoteis", na qual tratar-se-ia de rezolver problemas de transcendente importancia para a classe.

Como nos cumpria logo que tivemos conhecimento da anunciada reunião, immediatamente nos dirigimos ao local, onde os farsantes e lacaios realizariam a projectada função, no natural dezojo de adquirir novos e valiozos conhecimentos dos principios associativos.

Conheciamos perfeitamente os intuitos do nucleo de pigmeus que haviam aventado a idéa do surjimento daquela vergonhosa associação, que a semelhança de uma expessa e negra nuvem, paira sombria sobre os elaros horizontes do despertar de uma classe. Mas jamais acreditámos que no seu seio não se encontrasse um só trabalhador com um pouco de brio e dignidade, capaz de erguer um grito de alarme em defeza dos principios sacrosantos da emancipação proletaria.

Extranhos áquele ambiente afixante e pestifero, tínhamos receio de entrar as portas sombrias do antro de deturpação associativa.

Estacionados ás portas do palacio historico, onde se achavam reunidos os novos legisladores romanos, juntamente com os seus eseravos e lacaios, dispostos a dar á luz os principios sagrados de um novo direito, no sentido de confraternizar a dôr, a miséria e o mal estar, do lado proletario, com o gozo o bem estar e a orjia do lado capitalista, não tardou muito que se apossimasse de nós um daqueles infelizes, faltos de carater e dignidade, que havia cooperado no nacimiento do fenomeno juridico, o qual num ademane de jentileza hipacrita, nos franqueou a entrada.

Não sabemos traduzir a triste impressão que nos cauzou tão repugnante e indecorozo espectáculo.

Em volta de uma meza mortuaria, ao fundo da sala lugubre, um certo numero de burguezes, reljiozamente entoavam o "de profundis" ás reivindicções proletarias. Da cadeira prezidencial erguia-se um tipo lombroziano.

Ao lado, á sua direita, ouvia-se o eco de uma voz frenetica: era o "anjo da caridade";

um tal Albino, o personagem de maior destaque naquelle mixto de drama e comedia.

E a assembléa?

Ali estavam os carneiros reunidos perante a autoridade onipotente dos seus pastores.

Aqueles homens de olhar humilde e cabisbaixo nada discutiam e tudo aprovavam. Uma farsa!

Já nos havíamos aperecebido da existencia daquela cavilozá trama armada aos superiores interesses da classe, sem que, entretanto, nos dispuzessemos a dar-lhe combate por não lhe emprestarmos maior importancia.

Entretanto depois de havermos visto de vizu o elemento que ali se reúne não podemos deixar de reconhecer a incidoza teia de sofismas que se entretrece em torno ás aspirações progressivas da nossa classe.

São tres os tipos caracteristicos em que dividimos os componentes daquela associação:

O primeiro tipo é o semi-burguez proprietario de casas de "petisqueiras" que mal sabe vender o bacalháu assado e o "caldo verde"; o segundo é o laciao e bajulador que procura agradar o primeiro, afim de tirar partido material que lhe assure a estabilidade no emprego e finalmente o terceiro é o eterno carneiro, que explorado e aviltado é sempre conduzido pelos farsantes que traficam com a sua miséria.

Hoje que conhecemos de perto os passos destes charlatães, bem como o seu estofa moral, que valendo-se do nome de empregados em hoteis, pretendem atirar sobre a nossa historia associativa uma mancha, que salpicará de ignominia e de oprobrio toda uma classe altiva, revoltada julgamos da maxima importancia uma campanha tenaz contra essa farsa repugnante.

Por hoje basta. No proximo numero voltaremos ao assumpto.

ODNUMYAR.

A ultima palavra sobre vinho quinado é incontestavelmente

o Quinado de

Valente Costa & C.

Unico representante:

José de Souza de Macedo

Rua do Rozario, 136

(1.º Andar)

Rio de Janeiro

Telefone 4194 Norte

O seu assucar é de má qualidade? Dá um máo gosto nas bebidas?
Ele não adoça bem o café? Deixa lixo na chica ra

QUEM MANDOU NÃO COMPRAL-O NA

REFINAÇÃO S. JOSÉ

ALI NA RUA BUENOS AIRES, 110, EM FRENTE Á GONÇALVES DIAS?

O assucar ali é bem refinado, de boa qualidade e por preço que lhe agrada

Experimentem entrega a domicilio

J. M. MACIEL

TELEFONE — NORTE 2.920 — RIO DE JANEIRO

CAZA "LANÇÃO"

Metais diversos, Artigos de alto gosto para presentes
Porcelanas, Cristaes, Christoffles, Electro-plates

M. J. LANÇÃO & C.

44, RUA DA ASSEMBLÉA, 44

TELEFONE CENTRAL 5317

RIO DE JANEIRO

ROMARIA

O MELHOR VINHO VERDE

ESPUMANTE NATURAL

Pedir em todas as cazas de petisqueiras e molhados

Unicos Importadores

Rozario n.º 133

MOURÃO & C.ª



BEBAM

O

MELHOR DO MUNDO

RIO DÃO

O VINHO DE MEZA
PREFERIDO

IMPORTADORES

J. FERREIRA & C.

PRAÇA TIRADENTES, 27

JEWSBURY &
BROWN'S

Manchester, England

Quinine Tonic
Dry Ginger AleSole Agent:—C. N. Lefebvre
Rio de Janeiro

CAFÉ E BILHARES PUERTO RICO

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
COMIDAS FRIAS, ETC.

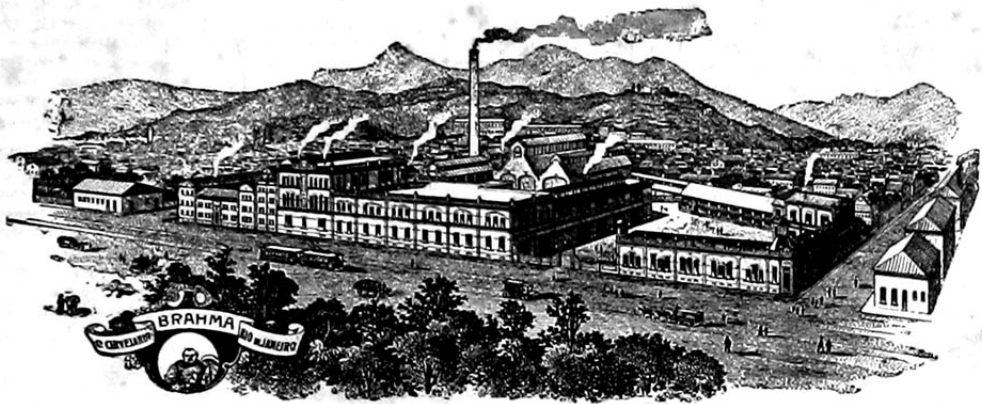
SOUTO & COMP.

ABERTO ATÉ 1 HORA DA NOITE

RUA DO RIACHUELO, 11

TELEFONE 2190 CENTRAL
RIO DE JANEIRO

CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BRAHMA

BRAHMINA

TEUTONIA

FIDALGA

MALZBIER

BRAHMA PORTER

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

CAXAMBU'

A preferida

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de meza